

Seção: Artigo

**Trilha: Linguagem e
Tecnologia**

João da Silva Araújo Júnior
Universidade Federal do Maranhão
Grupo de pesquisa em Lingua(gem) e
tecnologia / LINTEC UFMA
joao.junior@ufma.br
<https://orcid.org/0000-0003-1931-4010>
<http://lattes.cnpq.br/2130388359786108>

Vera Lúcia Moraes Araujo Menezes
Universidade Federal do Maranhão
Grupo de pesquisa em Lingua(gem) e
tecnologia / LINTEC UFMA
vera.menezes@discente.ufma.br
<https://orcid.org/0009-0009-7486-4817>
<http://lattes.cnpq.br/7373839319598456>

Contribuição dos(as) autores(as):

João Júnior: Metodologia, pesquisa,
escrita – revisão.

Vera Menezes: Análise dos dados,
pesquisa, escrita – revisão e edição.

Este trabalho está licenciado com uma
licença *Creative Commons* Atribuição
4.0 Internacional



Esta licença permite que os/as
usuários(as) do seu material possam
distribuir, remixar, adaptar e criar a
partir do material criado por você,
mesmo que seja para fins comerciais,
mas desde que quem usar atribua o
devido crédito pela autoria inicial da
obra.



MECANISMO DE FILTROS-BOLHA SOB A ÓTICA DOS POSTULADOS TEÓRICOS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Resumo

Este artigo discute o mecanismo de filtros-bolha em redes sociais digitais a partir do conceito de responsividade, um importante postulado teórico do Círculo de Bakhtin. Para tal, partimos da compreensão de que a responsividade, nos estudos bakhtinianos, constitui o entendimento de que o sujeito se posiciona em relação a determinado discurso após compreendê-lo e essa compreensão é sempre ativamente responsiva (Bakhtin, 1997). A partir dessa noção, esta investigação, de natureza bibliográfica, analisa duas pesquisas relacionadas a campanhas de desinformação no contexto das eleições presidenciais brasileiras, buscando, assim, compreender como o mecanismo de filtros-bolha (Pariser, 2012) se relaciona à dinâmica da desinformação, onde este consiste no processo de ultrapersonalização da experiência dos usuários nas redes sociais digitais, pelo qual elas recomendam a cada usuário aquilo que consideram mais relevante a ele, personalizando a experiência individual do usuário a partir do modo como este se engaja em determinada rede social (Bentes, 2019). Nesse aspecto, a extrema personalização dos serviços online atua no sentido de produzir bolhas sociais, nas quais os indivíduos passam a ter cada vez menos contado com vozes discursivas divergentes. Em suma, o mecanismo de filtros-bolha promove um espaço de circulação de um discurso homogêneo, onde o sujeito, ao produzir o enunciado e esperar a resposta do outro, sabe que seu próprio posicionamento será reforçado, o que potencializa os falsos consensos e as posições políticas polarizadas no cenário eleitoral.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin, filtros-bolha, redes sociais, responsividade.

1 Introdução

A internet foi saudada por muitos como uma oportunidade única para a renovação da democracia em geral. A era das redes sociais pareceu prometer um avanço no que tange à valorização da diversidade de posicionamentos e de visões de mundo. No entanto, a popularização do uso dessas tecnologias e a atuação cada vez mais forte dos algoritmos nos processos de interação trouxeram consigo um dilema central: a atuação dos algoritmos no modo como os indivíduos interagem e se informam nas redes sociais digitais tem promovido a radicalização e a polarização dos discursos, promovendo bolhas sociais que inviabilizam o embate com o diferente.

Nessa perspectiva, este estudo discute o mecanismo de filtros-bolha em redes sociais digitais a partir do conceito de responsividade, postulado teórico do Círculo de Bakhtin.

2 Bakhtin e a responsividade

O impacto dos postulados teóricos do Círculo de Bakhtin no campo de estudos da linguagem foi considerável. Afastando-se das concepções tradicionais, a abordagem mais abrangente de língua/linguagem do pensador soviético evidencia, por exemplo, que não é possível reduzir língua a um sistema homogêneo ou a uma atividade mental individual. A língua só pode ser plenamente entendida quando se considera as condições sociais de produção do discurso, sendo, portanto, a linguagem uma atividade social, só existindo comunicação quando existe interação entre indivíduos (Weedwood, 2002).

Nessa perspectiva, este artigo foca em um dos postulados do Círculo que resulta da compreensão de linguagem como atividade social: a responsividade. Bakhtin (1997) rechaça a noção simplista de “ouvinte” ou “receptor” passivo na comunicação, cujo papel seria apenas o de decifrar aquilo que é repassado a ele pelo locutor. Para o autor russo, a comunicação real e concreta se daria entre indivíduos ativos, através da alternância de enunciados, ou seja, pela alternância dos locutores, não existindo, assim, um único “receptor” e um único “locutor”, mas sim sujeitos ativos que alternam papéis ao produzir seus enunciados e aguardar pela réplica, pela resposta do outro. Por isso, Bakhtin explica que:

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda

ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc. (Bakhtin, 1997, p. 290).

Portanto, para o pensador soviético, há um processo contínuo de construção de enunciados, pelo qual, ao mesmo tempo em que um indivíduo produz o discurso, ele também espera, instiga e até influencia a resposta, a réplica através de um enunciado, por parte de quem compreende esse discurso.

Nessa mesma direção, Fanti (2003) entende que o enunciado “está repleto de ecos de outros enunciados, respondendo a algo e antecipando um discurso-resposta não-dito, mas solicitado no direcionamento a um interlocutor (real ou virtual)” (Fanti, 2003, p. 101). Assim, considerar que a comunicação é um processo contínuo implica que, dentro da esfera comunicativa, o enunciado que aguarda resposta também é a resposta de um enunciado produzido anteriormente. É nesse sentido que ensina o pensador russo:

O próprio locutor como tal é, em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores — emanantes dele mesmo ou do outro — aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados (Bakhtin, 1997, p. 291).

Com isso, “são as outras vozes discursivas – posições sociais, opiniões – que vêm habitar de diferentes formas o discurso em construção” (Fanti, 2003, p. 98). Inclusive, para melhor traduzir essa dupla caracterização da responsividade em Bakhtin, que inclui tanto a resposta a outro quanto a influência sobre o outro, Sobral (2007) propõe o uso do termo “responsabilidade”, que “une responsabilidade, o responder pelos próprios atos, a responsividade, o responder a alguém ou a alguma coisa” (Sobral, 2007, p.20). Assim, o sujeito, tendo seu discurso construído por meio de discursos anteriores, também é responsável pelos discursos que serão construídos a partir dos seus como reação, resposta.

Ademais, outro aspecto perceptível da responsividade concebida pelo Círculo de Bakhtin que, por fim, deve ser ressaltado na discussão aqui proposta é a avaliação social à qual o enunciado é submetido, pois ela pode determinar a própria enunciação e seus discursos-resposta. Nesse sentido, Fanti (2003) lembra que cada esfera comunicativa carrega determinadas coerções enunciativas, provando a necessidade de se estudar as condições de produção do discurso para sua

real compreensão em situação concreta.

3 As redes sociais digitais e os filtros-bolha

Em meio à inegável sobrecarga informacional trazida, principalmente, com o advento da internet e das novas tecnologias comunicacionais, soa tentador um mecanismo que permita selecionar, dentre o fluxo cada vez maior e mais rápido de informações, aquelas que melhor atendam aos interesses e preferências de cada pessoa. Este é, justamente, o papel dos filtros-bolha, ou somente filtros, conceito proposto por Eli Pariser (2012).

Os filtros-bolha estão presentes na estrutura funcional das redes sociais digitais. Tais filtros operam através de algoritmos¹ de personalização que, de acordo com dados (comentários, curtidas, compartilhamentos, etc.) fornecidos pelos usuários ao interagirem na web, trabalham para aprender a definir quais conteúdos seriam mais agradáveis (aqueles que recebem mais interações positivas, como curtidas) a cada indivíduo (Pariser, 2012). Nesse sentido, quanto mais dados são fornecidos pelo usuário, mais precisamente o algoritmo consegue trabalhar (Bentes, 2019). É dessa maneira que as redes sociais podem recomendar sempre aquilo que consideram mais relevante para determinada pessoa, personalizando sua experiência individual, pois, “inadvertidamente, o usuário que realize ações de curtir, descurtir ou comentar poderá ver-se exposto com mais frequência a conteúdos similares” (Silva; Cendón, 2022, p. 33).

Nesse contexto, o que pode parecer, primeiramente, uma “ajuda”, leva (justamente graças à capacidade personalizante dos filtros), a longo prazo, a dois fenômenos merecedores de análise: as bolhas sociais e as câmaras de eco. A esse respeito, Siqueira e Vieira (2022) explicam que as bolhas sociais são espaços virtuais caracterizados pela circulação de informações muito específicas, onde os indivíduos, mais do que gostos comuns, compartilham a mesma crença e/ou posicionamento ideológico (o mesmo discurso). Já as câmaras de eco atuam no reforço de tal discurso, que sofre um “eco” por meio da repetição constante das informações que o fundamentam.

Em suma, filtros-bolha, bolhas sociais e câmaras de eco se relacionam na medida em que, primeiro, o algoritmo do filtro de uma rede social aprende as preferências de alguém que navegue pela rede, exposto a uma gama inicial ampla de conteúdos, e passa a lhe recomendar cada vez mais conteúdos que correspondam a essas preferências. Os conteúdos recomendados tornam-se cada vez

1 Bentes (2019), no contexto computacional, define os algoritmos como sequências de instruções ou regras que condicionam uma execução automatizada de determinada tarefa.

mais específicos; e a pessoa, logo, cada vez mais interage com eles por lhe agradarem, até que ela acaba inserida numa bolha social, onde começam a circular apenas informações condizentes com certa crença e/ou posicionamento ideológico.

Como a bolha bloqueia informações divergentes (Pariser, 2012), ela se torna impermeável a estas, e as informações condizentes são constantemente repetidas e reforçadas tanto pelos demais usuários inseridos na bolha quanto pelo próprio filtro (câmara de eco). Desta forma, “os defensores da personalização nos oferecem um mundo feito sob medida, adaptado à perfeição para cada um de nós. É um lugar confortável, povoado por nossas pessoas, coisas e ideias preferidas” (Pariser, 2012, p. 14).

4 Relação filtros-bolha e Bakhtin

Voltando-se às implicações da concepção de língua/linguagem proposta pelo Círculo de Bakhtin, Fanti (2003) ressalta que é própria do discurso tanto a ocorrência de forças centralizadoras (homogeneizadoras), chamadas de forças centrípetas, que tentam manter a unidade discursiva do enunciado, apagando as vozes divergentes; quanto a ocorrência de forças descentralizadoras, chamadas de forças centrífugas, cuja ação está em tentar trazer outras vozes, provocando a diversidade discursiva. “Logo, o enunciado edifica-se em um espaço de tensão, na fronteira entre o território próprio (experiências pessoais) e o território de outrem (experiências do outro)” (Fanti, 2003, p. 109). Mas esse embate entre posições diferentes é apontado como algo saudável e fundamental para a convivência social.

No entanto, os estudos contemporâneos sobre a extrema personalização dos serviços online (filtros-bolha), alguns dos quais foram expostos no capítulo anterior, mostram que, a partir do momento em que os filtros começaram a provocar o surgimento de bolhas sociais, as pessoas passaram a ter cada vez menos contado com vozes discursivas diferentes das suas próprias. Na verdade, por causa do efeito da câmara de eco, os discursos homogeneizados acabam por se reforçarem, como se as forças centrífugas fossem anuladas, agindo somente as forças centrípetas.

Isto acontece porque, dentro de uma bolha social, conforme expõe Pariser (2012), o encontro com o diferente é impossibilitado já que o papel da bolha é justamente excluir as vozes diferentes. Desse modo, por gerarem e promoverem a manutenção das bolhas, os filtros agem como forças centrípetas, de tal forma que não deixam espaço para a ação das forças centrífugas.

Além disso, como a responsividade atua sobre todo processo discursivo real, concreto (Bakhtin, 1997), ela também atua na construção do discurso circulante dentro da bolha. Utilizando-se a tradução “responsabilidade”, proposta por Sobral (2007), nota-se que ocorre tanto a responsabilidade (o sujeito construindo o discurso do outro) quanto a responsividade (o sujeito respondendo ao discurso do outro) dentro da bolha.

Porém, neste espaço de circulação de um discurso homogêneo, o sujeito, ao produzir o enunciado e esperar a resposta do outro, sabe que seu próprio posicionamento será reforçado, pois, se o seu enunciado foi produzido com base nos discursos anteriores, seu discurso e os outros produzidos subsequentemente pelos demais sujeitos da bolha só podem carregar e reforçar o único posicionamento predominante na bolha (câmara de eco). Logo, a coerção enunciativa, que existiria em uma esfera comunicativa diversificada e poderia alterar o posicionamento do indivíduo (Fanti, 2003), é inexistente dentro da bolha.

Por não deixar brecha para a entrada de demais vozes discursivas, a bolha garante um espaço onde dificilmente o discurso vigente poderá se encontrar com outro, ou seja, dificilmente sofrerá alguma nova leitura ou alteração por parte dos sujeitos que corroboram com ele, já que, como afirma Pariser (2012), é possível que alguém inserido em uma bolha sequer saiba da existência de posições diferentes das suas.

5 Atuação dos filtros-bolha no âmbito político-eleitoral

O papel dos algoritmos no modo como os cidadãos se informam e formam sua opinião diante do cenário político-eleitoral tem sido cada vez mais objeto de pesquisa nos mais diversos campos de investigação. Nesse sentido, Santos-D`Amorim e Santos (2022) e Machado *et al.* (2018) analisam diferentes contextos que evidenciam a atuação dos filtros-bolha.

Santos-D`Amorim e Santos (2022), ao analisarem a retórica antidemocrática relacionada às festividades do dia da Independência do Brasil de 2021, por meio da combinação de Análise de Redes Sociais e Análise de Conteúdo do Twitter utilizando o termo de busca “7 de setembro”, concluem que a forma intransparente como a personalização é feita constitui uma fórmula danosa para a esfera democrática, ao permitir a propagação de desinformação em larga escala, além de reposicionar ideologias extremistas antes periféricas, ética e moralmente rechaçadas, para o centro do debate.

Em outro contexto, Machado *et al.* (2018) analisam a dinâmica da desinformação na campanha presidencial brasileira de 2018 e observam, com base em coleta de dados no twitter realizada em agosto 2018, uma forte distinção entre tuites referentes aos candidatos Fernando Haddad e Jair Bolsonaro, o que evidencia, segundo os autores, a falta de diálogo entre os potenciais eleitores destas candidaturas, resultado do funcionamento de bolhas informacionais que geraram relações estanques que potencializaram a polarização político-eleitoral no pleito.

5 Conclusões

Bakhtin propunha analisar a linguagem em situação concreta, real, levando em consideração as condições de produção do discurso. Assim, admitia-se que mudanças nas condições de produção do discurso resultariam em mudanças na linguagem. Nessa perspectiva, é inegável que, nas últimas décadas, a sociedade tem passado por fortes mudanças comunicativas ao estar cada vez mais inserida nos serviços online, como as redes sociais digitais.

Apesar de propostos em contexto diferente do atual, os postulados teóricos do Círculo de Bakhtin se mostraram promissores para discussão da ação dos filtros-bolha nas redes sociais digitais. Foi possível entender, através do conceito de responsividade, como se dá a ocorrência dos discursos nos espaços fechados à diversidade de vozes das bolhas sociais.

Bakhtin, quiçá, não previa um espaço de tamanha homogeneização discursiva, o que só prova como as redes sociais modificaram a forma de interagir socialmente de modo nunca visto antes. Nesse contexto, o pensador soviético ensina que a linguagem é um aspecto essencial e condutor da vida humana em sociedade, nisso reside a importância de estudos contemporâneos que venham a entender o verdadeiro impacto de novos mecanismos, como os filtros-bolha, nos processos enunciativos modernos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENTES, Anna. A gestão algorítmica da atenção: enganchar, conhecer e persuadir. *In*: POLIDO, Fabrício; ANJOS, Lucas; BRANDÃO, Luíza (orgs.). **Políticas, Internet e Sociedade**. Belo Horizonte: Instituto de Referências em Internet e Sociedade, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/35hiqms>. Acesso em: 05 ago. 2023.

ELI, Pariser. **O filtro invisível**: O que a internet está escondendo de você. Tradução Diego Alfaro. 1. ed. Zahar, 2012.

FANTI, Maria da Glória Corrêa Di. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. **VEREDAS**, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p.95-111, jan./dez. 2003.

MACHADO, C. *et al.* **News and Political Information Consumption in Brazil**: Mapping the First Round of the 2018 Brazilian Presidential Election on Twitter. 2018, Disponível em: https://demtech.oii.ox.ac.uk/wpcontent/uploads/sites/93/2018/10/machado_et_al.pdf. Acesso em: 06 de maio 2023.

SANTOS-D'AMORIM, Karen; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Da personalização algorítmica às guerras informacionais: a dinâmica das bolhas de (des)informação em torno do Dia 7 de setembro de 2021. **Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 27, p. 01-26, 2022.

SILVA, Max Melquiades da; CENDÓN, Beatriz Valadares. Estratégia, método e conteúdo: três componentes para compreensão das campanhas contemporâneas de desinformação. **BiblioCanto**, Natal, v. 8, n.1, p. 21-44. 2022.

SIQUEIRA, Dirceu Pereira; VIEIRA, Ana Elisa Silva Fernandes. Algoritmos preditivos, bolhas sociais e câmaras de eco virtuais na cultura do cancelamento e os riscos aos direitos de personalidade e à liberdade humana. **Revista Opinião Jurídica**, Fortaleza, v. 20, n. 35, p. 162-188, set./dez. 2022.

SOBRAL, Adail. Ato/Atividade e evento. *In*: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.